

O instante e o processo: Semana de Arte Moderna pelo olhar da crítica genética

A SEMANA DE ARTE MODERNA, QUE ACONTECEU ENTRE 13 E 18 DE FEVEREIRO DE 1922 NO THEATRO Municipal de São Paulo, é considerada a primeira manifestação artístico-cultural no Brasil com a proposta estética de renovação nas artes e na literatura. Realizada de maneira pública e coletiva, a Semana de 22 expôs o que vinha sendo gestado por um grupo de artistas e intelectuais que espalharam suas ideias, para além do eixo Rio-São Paulo, em projetos, obras e periódicos ousados.

Esses modernistas, conscientes da dificuldade em torno dessa nova sensibilidade que se impunha, utilizaram estrategicamente a imprensa como veículo de divulgação do espírito moderno. Com as perspectivas ideológicas e políticas daquele início de século, a tentativa de revitalização estética possibilitou outras formas de se relacionar com a literatura e a arte, fomentando também mudanças e diferentes paradigmas no campo linguístico, social e psicológico.

Embora a Semana seja um instante performático na história das letras nacionais, é preciso pensar nos rastros desse evento e na continuidade de uma produção artística e crítica que o recupera constantemente. Nesse sentido, vale evocar o título do livro do jornalista Marcos Augusto Gonçalves, *A semana que não terminou* (2012), para compreender que os ecos dessa manifestação ainda estão vivos e se reinventam na contemporaneidade.

Em relação às marcas processuais que documentam, mas também ampliam o sentido de 1922, conhecer a arqueologia das redes de sociabilidade que artistas e intelectuais organizaram, sobretudo nas trocas epistolares, revela os bastidores da criação, os diálogos fecundos entre pares, as aproximações das esferas artísticas e geográficas distintas, as estratégias de divulgação e a partilha de projetos. Igualmente, o acesso aos arquivos da criação e à biblioteca de escritores permite redescobrir as camadas de uma obra em seu movimento ou mesmo as hesitações e os conflitos de um pensar em curso, seja do indivíduo, seja da coletividade.

A pesquisa em acervos e coleções pode colaborar com a construção de novas edições que intentam trazer para os leitores não apenas rerepresentar um texto conhecido ou raro, mas desencadear profícuos debates sobre a recepção das obras diante das restaurações que os documentos de processo viabilizam. Nascem,

desse modo, variadas possibilidades de interpretar o objeto artístico a partir de uma materialidade por vezes relegada ao domínio do fetiche ou às instituições de salvaguarda documental do país, visivelmente abandonadas ou mal administradas nesses últimos anos.

Diante da celebração desse centenário da Semana de Arte Moderna, revisitar instâncias dessa produção em todas as artes por meio dos processos de criação, especificamente pelo viés da crítica genética, abre espaço para uma discussão sob outro ângulo. O dossiê temático reúne, portanto, cinco trabalhos inéditos, alocados na seção *Ateliê*, os quais procuram, de maneira distinta, dialogar com os modernismos por meio dos instrumentos que a crítica genética oferece. Assim, cada pesquisador se debruça sobre um processo artístico, um contexto histórico-social, um autor e um arsenal teórico-crítico, o que evidencia a elasticidade dessa disciplina, de fato, interdisciplinar.

No primeiro artigo que abre o conjunto, “Processos de criação da canção na *Belle Époque* carioca e alguns apontamentos sobre o Modernismo”, de Célio Rentroia, identificam-se princípios modernistas na *Belle Époque* carioca, elegendo a canção como objeto criativo. Dentre seus pressupostos teóricos, destaca-se o conceito de crítica de processo de Cecília de Almeida Salles.

Em “A concepção de arte de Mário de Andrade no ‘Rito do irmão pequeno’: uma leitura à luz de Schiller e do trecho suprimido de *Amar, verbo intransitivo*”, Cristiane Rodrigues de Souza dialoga com o poeta alemão e adota o exemplar de trabalho do romance *idílio* para dar sentido a elementos desconsiderados na reedição da obra, a fim de compreender o fazer artístico do modernista.

Na mesma esteira, Simone Rodrigues Vianna Silva estuda o romance *idílio* em “Ressonâncias da crítica literária na segunda edição de *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade”, mas focaliza a segunda edição da obra para evidenciar os acréscimos decorrentes da crítica, assim como as escolhas do escritor definidas a partir de seu diálogo epistolar pertinente entre as edições.

Aproximando-se de outra figura emblemática do modernismo, Elisabete Alfeld em “Devires e fabulação da escrita poética em *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*” analisa a escrita de si e a coletiva da obra de Oswald de Andrade. Trata-se de um quebra-cabeça de multiplicidades poéticas que testemunha a experiência da *Belle Époque* paulistana na iminência da Semana de Arte de 1922.

Por sua vez, em “Alceu Amoroso Lima: a conversão católica do crítico do modernismo”, Pedro Bueno de Melo Serrano mobiliza a biografia intelectual, a correspondência e os artigos jornalísticos de Tristão de Athayde que constituem um “arquivo da conversão”, capaz de apontar uma apreciação marcada por sua relação com a religiosidade.

Completa esta edição de número 46 a seção *Incipit*, em que Juan Pablo Canala, em “Archivos en diálogo: los procesos de escritura literaria entre la edición y la institución”, problematiza a questão dos arquivos ao

detalhar a tarefa de uma edição crítico-genética e suas implicações, inclusive, institucionais na literatura argentina.

Por fim, no artigo “Um dos caminhos para entender a própria autoria: autoria de fora para dentro e de dentro para fora no YouTube”, Kelvin Cigognini analisa o seu próprio processo poético enquanto realizador-pesquisador, a partir das noções apropriadas principalmente de Cecília de Almeida Salles.

Agradecemos a colaboração dos pareceristas que em um contexto tão difícil, com o sucateamento da universidade pública, dispuseram-se a ler criticamente os trabalhos submetidos para esta edição. Além disso, contamos com o apoio da equipe editorial da revista, bem como das monitoras do PPG-LETRA, Larissa e Yasmin, na diagramação dos textos e na produção da capa.

Para ilustrar a capa, selecionamos uma fotografia de Mário de Andrade pertencente ao arquivo do escritor, salvaguardada no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. O registro, aparentemente formal e burocrático, evidencia, por outro lado, o que Antonio Candido denomina de “rotinização do modernismo”, quando se tem Mário, um dos protagonistas da Semana de 22, como Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, na abertura solene do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada. Ocorrido de 7-14 julho de 1937, no Theatro Municipal, o evento contava com participantes que dispunham da tarefa de eleger uma língua-padrão – a pronúncia carioca – para normalizar a declamação, o canto e o teatro eruditos. Ou seja, o mesmo palco paulistano, o que havia sido um instante performático de jovens intelectuais, ganha adensamento, em um episódio do final dos anos 1930, ao se deliberar sobre o uso da língua para manifestações artísticas cantadas. Dessa forma, o debate das variadas questões modernistas não se restringe tão somente a um grupo, mas passa a ocupar a esfera pública.

Editoras

Aline Novais de Almeida (Doutora em Letras – FFLCH-USP)

Ligia Rivello Baranda Kimori (Doutora em Letras – FFLCH-USP)

Manuscrita

Revista de Crítica Genética

São Paulo n. 46 • 2022

Conselho Editorial

Alícia Duhá Lose (Universidade Federal da Bahia)

Aline Novais de Almeida (Associação de Pesquisadores em Crítica Genética)

Aparecido José Cirillo (Universidade Federal do Espírito Santo)

Aurèle Crasson (Institut des textes et manuscrits modernes)

Cecília Almeida Salles (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Carla Cavalcanti e Silva (Universidade Estadual Paulista)

Claudia Amigo Pino (Universidade de São Paulo)

Edson do Prado Pfützenreuter (Universidade Estadual de Campinas)

Erica Durante (Brown University/EUA)

Graciela Goldchluk (Universidad Nacional de La Plata)

Josette Monzani (Universidade Federal de São Carlos)

Lea Hafter (Universidad Nacional de La Plata)

Mabel Meira Mota (Universidade Federal da Bahia)

Márcia Ivana Lima e Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Márcia Edlene Mauriz Lima (Universidade Estadual do Piauí)

Marcos Antonio de Moraes (Universidade de São Paulo)

Maria Eunice Moreira (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Maria da Luz Pinheiro de Cristo (Universidade Federal do Espírito Santo)

Maria Soledad Falabella (Universidad de Chile)

Max Hidalgo Náchter (Universitat de Barcelona)

Miguel Rettenmaier (Universidade de Passo Fundo)

Moema Rodrigues Brandão Mendes (Centro Universitário Uni Academia e Fundação Casa de Rui Barbosa)

Mônica Gama (Universidade Federal de Ouro Preto)

Patricia Kiss Spinel (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Paolo D'Iorio (Institut des textes et manuscrits modernes, CNRS. École normale supérieure de Paris)

Philippe Willemart (Universidade de São Paulo)

Rosa Borges (Universidade Federal da Bahia)

Sérgio Romanelli (Universidade Federal de Santa Catarina)

Sílvia Maria Guerra Anastácio (Universidade Federal da Bahia)

Telê Ancona Lopez (Universidade de São Paulo)

Viviane Araújo Alves da Costa Pereira (Universidade Federal do Paraná)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Camargo (Monitora PPG-LETRA)

Yasmin Chinelato (Monitora PPG-LETRA)

ILUSTRAÇÕES

Capa: Foto de Mário de Andrade, ao lado de intelectuais e autoridades políticas, na abertura do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-F-1564.

Design: Larissa Camargo

DIRETORIA APCG

Presidente - Edson do Prado Pfützenreuter
(Unicamp)

Vice-presidente - Patricia Kiss Spineli (PUC-
SP)

Membro honorário da APCG - Léa Hafter
(Universidad Nacional de la Plata)

Secretária Geral - Katerina Blasques Kaspar
(USP)

Tesoureiro - Giovani Kurz (USP)

Secretária de divulgação - Aline Novais de
Almeida (USP)

1º suplente: Wagner Miranda Dias (PUC-
SP)

2º suplente: Thiago Leão Antunes (USP)

3º suplente: Lueldo Bezerra Teixeira
(UESPI)

EDITORAS DESTE NÚMERO

Aline Novais de Almeida

Ligia Rivello Baranda Kimori

EQUIPE EDITORIAL

Aline Novais de Almeida

Edson do Prado Pfützenreuter

Katerina Blasques Kaspar

Leonardo Mendes

Lea Hafter

Patricia Kiss Spineli

Thiago Leão Antunes

Wagner Miranda Dias

Manuscrita é uma publicação da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) e da Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução Universidade de São Paulo com o apoio da CAPES

E-mail:

manuscritica@gmail.com

Portal da revista:

www.revistas.usp.br/manuscritica

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução

Coordenadora da Pós-Graduação: Eliane Lousada

Vice-coordenadora: Mona Hawi